

O debate sobre as diferenças adquire relevância, na atualidade, em diferentes campos do conhecimento, mobilizado fortemente pelos fluxos migratórios em todo o mundo, pelas lutas por reconhecimento étnico e cultural, por movimentos de contestação de lugares sociais naturalizados e de reivindicação de direitos específicos. Ocorre, nesse contexto, um amplo movimento teórico de contestação de verdades naturalizadas e de discursos que alicerçaram a construção da ordem disciplinar na sociedade moderna ocidental.

Várias pesquisas desenvolvidas ou ainda em andamento, em diferentes regiões do Brasil, vêm demonstrando o quanto a temática das diferenças é produtiva e, ao mesmo tempo, complexa. Ela envolve, particularmente, o exame das relações de poder que constituem e posicionam os sujeitos na diferença, mas implica pensar, também, sob um viés político e ético, como os diferentes grupos sociais tecem caminhos e perspectivas, constituem e negociam suas identidades, e, nas arenas representacionais, disputam os sentidos do que são e de como pretendem ser vistos.

Todas essas questões, pensadas sob o prisma educacional, vêm desafiando os autores dos textos reunidos neste número da revista *Em Aberto*. Partindo de abordagens teórico-metodológicas distintas, os artigos têm em comum o intuito de problematizar certas visões essencialistas relativas à diferença que, em muitos casos, são assumidas de maneira naturalizada no discurso pedagógico. Os autores focalizam a diferença indígena, as diferenças étnico-raciais, as diferenças corporais, as identidades sexuais e de gênero, a diferença surda, ou ocupam-se, ainda, de produções culturais como a literatura infantil.

Na seção Enfoque, com o artigo “Para pensar a educação e as diferenças sob um enfoque cultural”, Iara Tatiana Bonin, Daniela Ripoll e Bianca Salazar Guizzo argumentam que as pedagogias culturais participam da constituição das identidades e das formas como atribuímos sentidos às diferenças étnico-raciais, religiosas, geracionais, de gênero, de sexualidade, de conformação corporal, de classe, entre outras. A partir da retomada de documentos oficiais, as autoras também discorrem sobre direcionamentos assumidos quando se propõe a inclusão da temática das diferenças nos currículos escolares contemporâneos.

A seção Pontos de Vista inicia-se com o artigo “Literatura infantil e educação: ensinando através de personagens diferentes”, de Rosa Maria Hessel Silveira e Edgar Roberto Kirchof, que se ocupam de articulações possíveis entre literatura infantil e educação e discutem como são constituídos, caracterizados e posicionados alguns personagens diferentes na literatura ocidental de publicação recente. Os autores mostram que alguns desses livros para crianças fogem ao didatismo e aos clichês de gênero, possibilitando um alargamento das formas de representar a diferença.

Em “Abuso/violencia infantil y Derecho a la Imagen en el contexto europeo y español”, Carmen Galet-Macedo e Jane Felipe apresentam dados do Conselho da Europa, demonstrando que 20% das crianças europeias sofrem com abusos sexuais. Elas defendem que a prevenção contra esse tipo de prática requer um trabalho conjunto entre escola, polícia e meios de comunicação.

No artigo “Saberes ancestrais-contemporâneos: negociação e hibridização no processo de construção da criança indígena do/no século 21”, Antonio Carlos Seizer da Silva e Adir Casaro Nascimento abordam o cotidiano de crianças da etnia terena, do estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma etnografia pós-estruturalista ocupada em demonstrar como as crianças produzem cultura e negociam significados em espaços múltiplos e em relações estabelecidas entre crianças e adultos de sua etnia.

Raquel Gonçalves Salgado e Anabela Rute Kohlmann Ferrarini, no artigo “Em busca do corpo perfeito: as crianças na cultura da beleza e da sedução”, analisam a construção de significados de corpo por crianças de 4 a 10 anos que frequentam a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. As autoras argumentam que o corpo tem assumido relevância na produção cultural e lúdica das crianças, uma vez que é entendido também como produto a ser conquistado, socialmente avaliado, admirado, rejeitado.

No artigo “Narrativas e diferenças em língua de sinais brasileira”, Lodenir Becker Karnopp e Madalena Klein analisam narrativas produzidas em língua de sinais, com vistas a entender como os surdos inscrevem-se, constituem-se e participam de tramas narrativas diversas. As narrativas analisadas dão pistas de como a comunidade surda participa na constituição e negociação de significados e como, nela, se produzem pertenças.

O artigo “Gênero, sexualidade e corpo-currículo na sociabilidade de um *site* de relacionamentos *gay*”, de Luiz Felipe Zago, é resultante de uma etnografia virtual feita em um *site* de relacionamento voltado para homens *gays* brasileiros. O autor discute as formas de sociabilidade *online*, mostrando que estas operam a partir de

pedagogias de corpo, gênero e sexualidade, e que, nesses espaços, os corpos são narrados e definidos por meio de imagens e de palavras.

O artigo “Literatura afro-brasileira: o gênero conto e a educação para as relações étnico-raciais”, de Maria Aparecida Rita Moreira e Eliane Santana Dias Debus, focaliza elementos identificadores de uma literatura afro-brasileira a partir de contos de autoria de Conceição Evaristo. As autoras também discutem a percepção de professores de ensino médio sobre a presença desses elementos nos contos da referida autora e propõem que a abordagem literária nas escolas contemple uma educação para as relações étnico-raciais articulada com a luta antirracista no Brasil.

Em “Práticas pedagógicas jesuíticas na América portuguesa: evangelização e ensino para crianças indígenas no século 16”, Ana Palmira Bittencour Santos Casimiro, Camila Nunes Duarte Silveira e Maria Cleidiana Oliveira de Almeida analisam diferentes estratégias pedagógicas utilizadas para evangelizar nos primeiros anos de colonização e, também, mostram que as ações de catequese foram sendo adaptadas, na interface com os modos de vida indígena.

Fernando Pochay, no artigo “Gênero, sexualidade e envelhecimento: (micro) políticas de subjetivação e educação”, utiliza uma obra literária, um jornal e um documentário como lócus para realizar uma cartografia das (micro)políticas do gênero e da sexualidade. O autor discorre sobre os espaços de sociabilidade, as experimentações e os processos de subjetivação contemporâneos nas tramas do gênero, da sexualidade e do envelhecimento a partir de olhares educacionais.

Na seção Espaço Aberto, duas entrevistas. Na primeira, Felipe Leão Mianes dialoga com Pilar Orero sobre o tema da audiodescrição. Na segunda, Marcelo de Andrade conversa com Ana Ivenicki sobre questões diversas envolvendo o multiculturalismo e a educação – abordando, inclusive, os avanços e as lacunas na discussão sobre a proposta de uma Base Nacional Comum Curricular.

Na seção Resenhas, dois livros recentes, vinculados à temática das diferenças, são objeto de descrição e comentários. A primeira resenha, intitulada “Relações de desigualdade entre personagens negros e brancos em livros didáticos”, escrita por Jacqueline de Almeida, traz uma síntese dos argumentos centrais da obra *Racismo em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa*, de Paulo Vinícius Baptista da Silva. Na segunda, “Como dialogar se as diferenças estão silenciadas na escola?”, Carolyna Barroca apresenta a coletânea *Diferenças silenciadas: pesquisas em educação, preconceitos e discriminações*, organizada por Marcelo Andrade, reunindo pesquisas do Grupo de Estudos sobre Cotidiano, Educação e Culturas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Gecec/PUC-Rio).

Na seção Bibliografia Comentada, estão destacados alguns artigos e trabalhos acadêmicos cuja temática central entrelaça educação e diferenças – ciganos, idosos, imigrantes bolivianos e haitianos, movimento homossexual, pessoas com deficiência visual e professores de educação especial. São indicados, ademais, *sites* de grupos de pesquisa que contribuem para as discussões propostas sobre o tema.

Ao compormos este número da revista *Em Aberto*, selecionamos um conjunto de textos que tem o potencial de ampliar o debate sobre as diferenças no âmbito da Educação. Eles contemplam teorizações, argumentações e relatos de experiências

que permitem pensar na complexidade de tal problemática e na impossibilidade de se assumir, no campo educativo, propostas homogeneizadoras, políticas generalistas e soluções simplistas. Há uma profusão de discussões sobre o tema na atualidade, também importantes, mas que, por razões diversas, não puderam ser aqui contempladas.

Desejamos que o conjunto de textos inspire e mobilize outros pesquisadores e pesquisadoras do campo da Educação.

Boa leitura!

*Iara Tatiana Bonin*

*Daniela Ripoll*

Organizadoras